

O Passado através de um olhar da psicanálise

Pedro Paulo V. A. Azevedo*

Foi dito aqui, que o cineasta *Spike Jonze* se apropriou do pensamento da escritora britânica C. J. Tudor, colocando-o na fala do protagonista no filme “*Ela*”, o personagem *Theodore*, interpretado pelo aclamado *Joaquin Phoenix* que irá imortalizar nas telas o supervilão *Coringa* das histórias em quadrinhos.

Nos diz Theodore: “*o passado é só uma história que contamos para nós mesmos*”. Indaguei então: **Seria?** Spike, ainda, omitiu a última parte da máxima da escritora: “*e às vezes, nós mentimos para nós mesmos*”. **Mentimos?** Voltei a indagar.

Sabemos que é impossível evocar o passado sem fazer uso do que se conhece como *memória*. E, claro, quando se trata de abordar a memória são inevitáveis as contradições e divergências das narrativas. Como revisitar o passado? Recordar a sua existência? Há lacunas? Vazios? Lapsos? Como preenchê-las?

As lembranças, falsas lembranças e esquecimentos estão ligados de modo irremediável. São ou não verídicos os fatos “*dessas histórias que contamos para nós mesmos*”? Ou, também, “*das histórias que nos contam sobre nós*”?

É possível *retratar* o passado de forma fidedigna? Veraz? Voltar no tempo contrariando a máxima de *Heráclito de Éfeso* que nos diz: “*ninguém entra em um mesmo rio uma segunda vez, pois quando isso acontece já não se é o mesmo, assim como as águas que já serão outras*”. Sua *Teoria do Devir* afirma “*que tudo flui, nada permanece*”.

E se algo na memória permanece, o que nela persiste? De que modo sobrevive? Fomos no passado realmente aquilo que pensamos? Que contamos?

E o que se conta? É conto? Um conto que acreditamos ou desejamos acreditar que fomos? Há em nossos relatos ou em relatos alheios, aquilo que *Marcelo Taranto* conceitua de “incongruência narrativa”? Isto é, algo que *“não faz sentido no momento da história que está sendo contada”*? Conceito este do cineasta que nos remete à expressão popular de origem romana *“nec caput nec pedes”*. Ou em bom português: *“sem pé nem cabeça”*?

Há como escaparmos de fantasiar fragmentos de nossa própria história? De mentir sem ter na mente que mente? Mentira, que tantas vezes já contamos para nós mesmos, que acreditamos ser verdade e que, em certas pessoas comprometidas, acaba por desenvolver um transtorno que se conhece como mitomania?

Com tudo isto posto, há meios de nos aproximar mais da verdade do nosso “real” passado?

Nietzsche nos falou que *“o inimigo da verdade não é a mentira e sim, a convicção”* e ainda, que mentimos mais para nós mesmos, pois para o filósofo *“mentir para os outros é relativamente a exceção”*. Essa estrutura nietzschiana dá lugar para o que o rabino *Nilton Bonder* afirma no seu memorável livro *A Alma Imoral*: *“aquele que engana a si mesmo é mais perverso do que o que engana os outros”*.

Portanto, esta frase de C. J. Tudor, é instigante e, claro, provoca o sentido investigativo e ético da psicanálise.

Como, então, reexaminar o nosso passado? Como interpretá-lo e descobrir seu conteúdo? Há como aprofundar nosso conhecimento sobre o nosso próprio passado?

Serão essas questões aqui levantadas que vou procurar comentar à luz da psicanálise.

*Pedro Paulo é psicanalista, titulado pela Sociedade Psicanalítica do Rio de Janeiro (SPRJ), filiada à International Psychoanalytical Association (IPA).